

## ARROZ - PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

Rocilda Santos Moreira<sup>(1)</sup>

Nos últimos vinte anos, a produção nacional de arroz variou entre os limites de 7,29 milhões de toneladas (em 1978) e 11,76 milhões de toneladas (em 1988), tendo a média do período girado em torno de 10 milhões de toneladas. Para quem não acompanhou o comportamento da produção de arroz no País, pode parecer que a orizicultura brasileira não tem evoluído, o que absolutamente não é verdade: a cultura do arroz no Brasil passou por grandes transformações nesse período.

Para melhor compreensão dessas mudanças, é importante conhecer

um pouco da sua história recente: uma parte refere-se às transformações por que passou a economia brasileira nos últimos anos, e a outra é específica da própria lavoura de arroz.

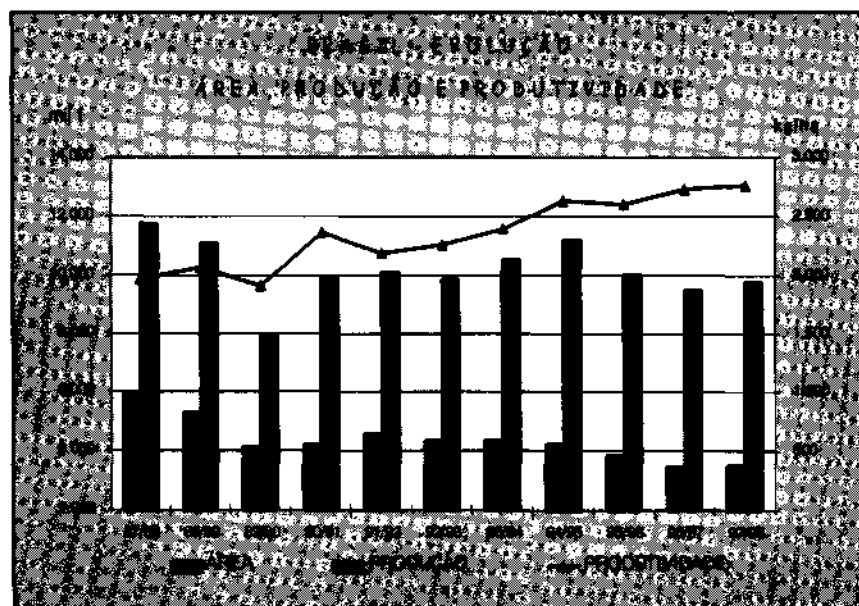
Até o final da década de 80, o mercado brasileiro de arroz era praticamente fechado para o setor externo, apresentando elevado grau de proteção, com sistemas de cotas e alíquotas que chegavam a 55% e vigoraram até junho de 1988, restringindo as influências do mercado mundial sobre o mercado doméstico. Os preços se formavam a par-

tir da oferta e da demanda internas, e sofriam forte influência da Política de Garantia de Preços Mínimos - PGPM. Até então, a agricultura brasileira era pouco sensível aos movimentos do mercado internacional, devido ao seu elevado grau de fechamento.

Na década de 90, o mercado passou por significativas mudanças, que provocaram profundas transformações no setor agrícola como um todo. Essas mudanças surgiram com o processo de unificação do orçamento da União e a adoção de regras rígidas e restritivas para a utilização dos recursos do Tesouro Nacional. Em maio de 1988, teve início o processo de abertura da agricultura brasileira ao comércio internacional, através da Resolução do Concex nº 155, que liberou as importações agrícolas. A partir de 1990, o programa de desgravação tarifária contribuiu sobremaneira para acelerar o processo de exposição do setor à forte concorrência do produto externo.

A conjunção desses fatores irreversíveis delineia um novo quadro, ao qual a agricultura brasileira - e não somente a rizicultura - terá que se adaptar.

Um outro aspecto que não pode ser esquecido é o forte processo inflacionário que o Brasil atravessou em passado recente. Esse processo, juntamente com as várias tentativas frustradas de combatê-lo, levou o setor produtivo a enfrentar dificuldades financeiras que lhe trouxeram sérias complicações. Tal quadro começou a ser revertido com a securitização das dívidas agrícolas, que vem dando condições aos produtores de equacionarem seus problemas financeiros.



(1) Técnica da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)

BR0702909

Sob a ótica específica da cultura de arroz, existem aspectos característicos interessantes. O principal deles é que o cultivo de arroz, no Brasil, foi marcado pela dualidade entre o sistema de sequeiro e o irrigado. O primeiro caracteriza-se pelo baixo uso de tecnologia, e o segundo, pelo uso intensivo da mesma.

Até o final da década de 80, o plantio de arroz foi largamente utilizado na abertura de novas áreas agricultáveis nas regiões de fronteira agrícola, sobretudo em Mato Grosso, Goiás e Rondônia. Eram lavouras de sequeiro, de baixa produtividade, em torno de 1.200 a 1.300 kg/ha, e extremamente dependentes do clima. Em geral, resultavam num produto de baixa qualidade, conhecido como arroz longo ou de sequeiro, e chegaram a responder por cerca de 70% da produção nacional.

Já as lavouras irrigadas, plantadas no Sul do País – Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a cada ano apresentavam novos ganhos de produtividade, passando de 3.719 kg/ha, em 1977, para 5.340 kg/ha, em 1997, ou seja, um ganho da ordem de 42%. O produto dessas lavouras era de qualidade superior, conhecido como arroz longo fino ou agulhinha, de melhor aceitação pelos consumidores. Esse cultivo também ocorre, com menor expressividade, em outras áreas, como os perímetros irrigados do Nordeste, além de pequenas áreas em Mato Grosso do Sul e Tocantins. Por ser um produto de melhor qualidade e apresentar melhor rendimento com menores custos, a área plantada com o arroz irrigado cresceu ano a ano, respondendo por cerca de 65% da produção nacional na safra 1996/97, e 52% na 97/98, cuja produção foi bastante afetada pelas adversidades climáticas.

Na safra 1980/81, quando ainda predominava o cultivo de sequeiro,

com baixo nível tecnológico, a área total plantada com arroz foi de 6.626,5 mil hectares, a maior da história. Essa safra resultou numa produção de apenas 8.638,3 milhões de toneladas, cuja produtividade média foi de 1.304 kg/ha.

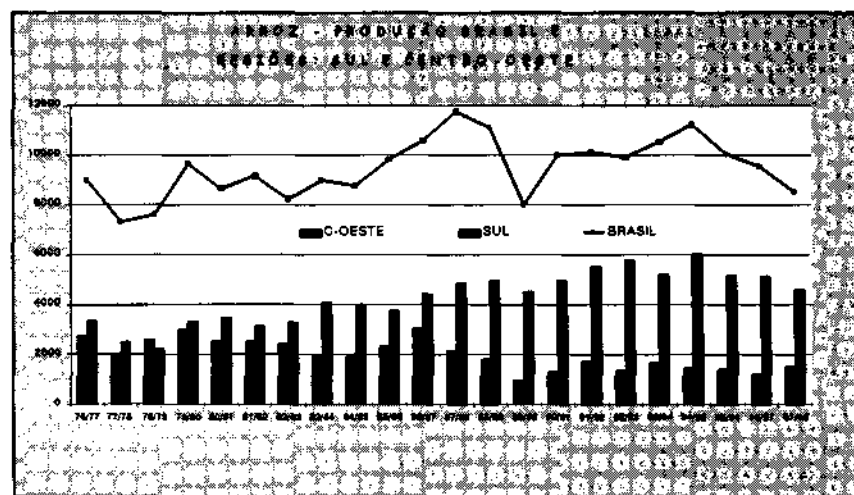
Em 1996/97 (safra normal, sem problemas climáticos), segundo pesquisa da CONAB, a área plantada com arroz no Brasil foi de 3.493,6 mil hectares; a produção, de 9.524,0 mil toneladas e a produtividade média de 2.726 kg/ha. Esses dados demonstram a grande evolução tecnológica que está ocorrendo nas lavouras, pois enquanto a área sofreu uma queda de 47,3%, a produção e a produtividade média no País cresceram 10,3% e 109%, respectivamente.

A exposição do setor orizícola à forte competição com o mercado externo, em especial à dos países do MERCOSUL, acelerou as profundas mudanças na produção nacional, com resultados positivos. Os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, responsáveis por mais de 50% da produção nacional, estão investindo na melhoria de suas lavouras, aplicando novas formas de plantio, mais eficientes e de menor custo, tornando os produtores verdadeiros empresários agrícolas.

O Estado de Mato Grosso, por sua vez, está retomando a cultura do arroz, com práticas que em nada lembram

as lavouras de anos anteriores. Os atuais cultivos utilizam alto nível tecnológico, em áreas recomendadas pela pesquisa de acordo com o zoneamento agrícola e, por isso, com menor risco, além de disporem de variedades novas, desenvolvidas por órgãos de pesquisa, entre eles a EMBRAPA, resultando em maior produtividade. A média no estado, para essas lavouras, está hoje em torno de 3.600kg/ha, chegando a alcançar mais de 5.000 kg/ha em condições extremamente favoráveis, contra a média anterior de 1.300 a 1.800 kg/ha. Desse plantio tem resultado um produto de boa qualidade, muito mais competitivo com o arroz produzido no Sul. Na safra 1997/98, o Estado de Mato Grosso aumentou sua área plantada em 27%, correspondendo a um crescimento de 46,2% na produção. O Estado de Goiás, a exemplo de Mato Grosso, já a partir da próxima safra, também deverá apresentar um crescimento em sua área plantada com arroz.

A aparente estagnação no volume produzido no País, nos últimos vinte anos, é fruto da transferência da produção com baixíssimo nível tecnológico, de qualidade pouco competitiva no mercado e de alto risco, pela dependência do clima, para uma produção de alto nível tecnológico, de excelente qualidade e de menor risco. Dessa forma, enquanto a Região Sul do País melhorou o nível tecnológico de suas lavouras de arroz, ganhando em produtividade, a Região Centro-Oeste redu-



ziu sua área plantada, até porque a abertura de novas áreas nas fronteiras agrícolas diminuiu substancialmente a partir de meados da década de 80. Assim, a queda da produção da Região Centro-Oeste foi compensada pelo crescimento da produção de arroz irrigado no Sul do País, mantendo o volume da safra brasileira.

na safra 1997/98, as importações brasileiras deverão crescer, situando-se entre 1,8 milhão e 2,0 milhões de toneladas (base casca).

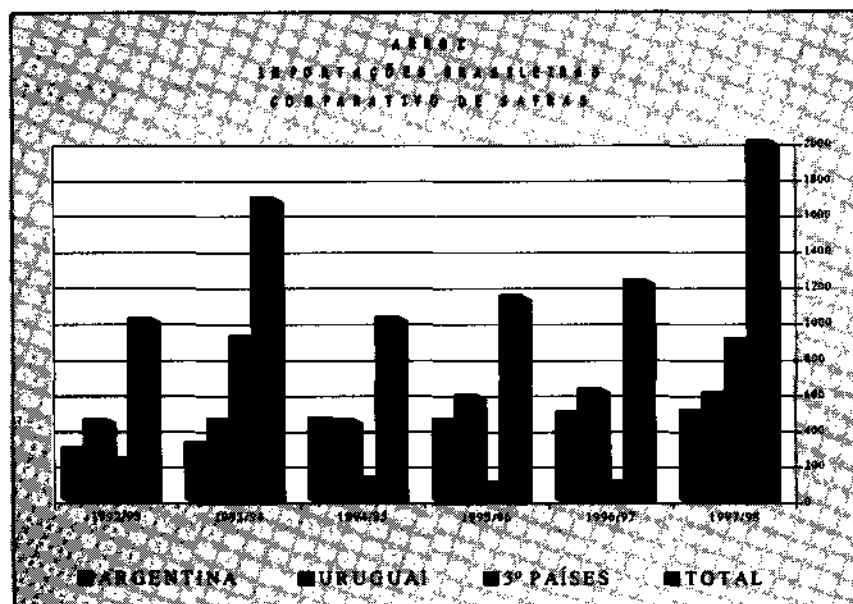
O anúncio desse aumento nas importações agrícolas causou impacto negativo no País, que possui condições extremamente favoráveis para a produ-

cultura nacional devido ao bom nível tecnológico e ao ajuste financeiro decorrente da renegociação das dívidas agrícolas e dos preços remunerados na comercialização das safras mais recentes e na atual. Tudo isso resulta na retomada do crescimento da área no Rio Grande do Sul e da Região Centro-Oeste.

Para melhor entender o mercado nacional, é necessário conhecer o comportamento do mercado internacional. O mercado mundial de arroz caracteriza-se por movimentar pequenas quantidades do produto (cerca de 18 a 20 milhões de toneladas/ano, ou cerca de 5% da produção mundial) e, por isso, responde rapidamente, via preços, ao crescimento abrupto no volume das importações.

Em 1994, a safra japonesa de arroz sofreu quebra acentuada, gerando necessidade de importação da ordem de 2,5 milhões de toneladas, enquanto em 1995 foi a vez da China, que precisou importar cerca de 2 milhões. Assim, os preços internacionais apresentaram níveis elevadíssimos, chegando a ultrapassar US\$400,00/t, em novembro de 1995. A partir de então, as cotações mundiais entraram em queda até alcançar a média de US\$352,00/t em 1996, e US\$340,00/t nos primeiros seis meses de 1997, acima dos patamares históricos dos últimos quatro anos que eram em torno de US\$300,00/t.

Na safra 1997/98, alguns paí-

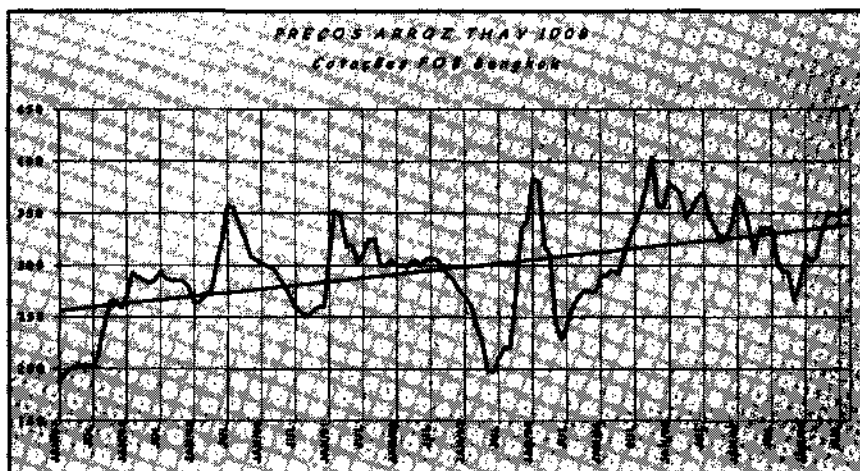


Atualmente todos os indícios são de retomada do crescimento do volume da produção nacional de arroz, seja no Rio Grande do Sul ou nos Estados Centrais. A safra 1997/98 já poderia ter sido maior, se não tivesse sofrido os efeitos do "El Niño", que prejudicaram bastante a lavoura gaúcha, atrasando o plantio e a colheita, devido ao excesso de chuvas, que provocaram perda de áreas plantadas e quebra de produtividade, e a nordestina, devido à forte estiagem que sequer permitiu o plantio em parte das áreas onde, tradicionalmente, se planta o arroz.

Nas últimas três safras, a produção nacional de arroz apresentou reduções sucessivas e, para garantir o abastecimento do mercado interno, foram necessárias importações em torno de 1 milhão de toneladas, além das vendas dos estoques governamentais. Para complementar o abastecimento interno,

ção agrícola, tanto pelas grandes extensões de terras, como pelo alto nível tecnológico hoje disponível para produzir bem e com competitividade.

A produção nacional tem enfrentado condições circunstanciais: o setor orizícola está vivendo uma fase de transição, em que se consolida na agri-



ses asiáticos, como as Filipinas e a Indonésia, tiveram quebra da produção interna em decorrência do "El Niño", apresentando demanda recorde de importação. As Filipinas deverão importar cerca de 2,0 milhões de toneladas, e a Indonésia 8,2 milhões (base casca), segundo dados do USDA. Desde dezembro último, a Indonésia vem entrando fortemente no mercado internacional, comprando arroz, sobretudo do Vietnã, grande exportador mundial que, até março, já havia vendido cerca de 3 milhões de toneladas do seu excedente, estimado em 3,6 milhões.

Devido à quebra da produção de arroz nos países asiáticos e no Mercosul, também provocada pelos efeitos do "El Niño", a estimativa do comércio mundial atingiu um nível recorde de 23,8 milhões de toneladas, contra 18,9 milhões da safra passada, significando um crescimento de 4,9 milhões. A exemplo do ocorrido no 2º semestre de 1995, esse aumento no volume do comércio mundial seria suficiente para que as cotações internacionais alcançassem, no mínimo, os níveis praticados naque-

le período. No entanto, a forte crise financeira que atualmente atinge os principais exportadores mundiais - países asiáticos, como a Tailândia - vem se contrapondo à pressão de alta exercida pelo aumento na demanda mundial.

Em julho de 1997, quando foi deflagrada a crise financeira na Tailândia, a cotação para o arroz tailandês (100 B) era de US\$337,00/t, e a partir daí teve início um período de queda, tendo o preço atingido US\$267,00/t em novembro do mesmo ano. Com o aumento na demanda mundial, foi possível uma recuperação nos preços do arroz, que se estabilizaram em torno de US\$350,00/t entre os meses de maio e agosto.

Assim como em alguns países asiáticos, no Brasil a maior necessidade por produto importado é circunstancial, e a importação continuará ocorrendo, principalmente da Argentina e do Uruguai, embora a produção nesses dois países também tenha sido afetada pelos efeitos do "El Niño", e complementada pelas importações da Ásia e dos Esta-

dos Unidos.

É possível observar o reflexo desse quadro no nível dos preços internos, que estão em patamares muito superiores aos praticados no mesmo período do ano passado. Porém, esse nível de preço permitirá a maior recuperação do setor, que sofreu forte impacto com a abertura dos mercados e a exposição à competitividade externa.

Num momento sensível como o atual, é importante permitir que o mercado se ajuste, pois qualquer decisão que não parta dele mesmo corre o risco de provocar instabilidade, com conseqüências desastrosas para todo o setor, que está conseguindo se equilibrar após ter enfrentado os problemas financeiros oriundos do processo inflacionário vivido no País, além da forte exposição à concorrência externa. Cabe destacar que essa recuperação do setor, associada ao ajuste que está sendo feito, é fundamental para a consolidação do setor orizícola, em nova base e de forma sustentada.

